

Tabla

GHASSAN

KANAFANI

HOMENS

AO SOL

TRADUÇÃO · SAFA JUBRAN

9

ABU QAIS

23

ASAAD

35

MARWAN

51

O ACORDO

63

O CAMINHO

81

SOL E SOMBRA

97

O TÚMULO

ABU QAIS

Abu Qais repousou o peito no solo orvalhado e a terra começou a pulsar debaixo dele, com batimentos de um coração cansado que faziam tremer cada grão de areia e penetravam as células de seu corpo. Desde a primeira vez, sempre que ele se atirava de peito na terra sentia aquela pulsação, como se o coração da terra forçasse sua difícil passagem até a luz desde as profundezas do inferno. Certa ocasião, ele disse isso ao vizinho com quem compartilhava a colheita na terra que deixara havia dez anos, e o homem respondeu zombando: “É o som do seu coração. Você o escuta quando encosta o peito no chão”. Que tolice perversa! E o cheiro? Aquele que, toda vez que ele sente, ondu-la na frente antes de jorrar delirante nas suas veias. Sempre que ele inalava o cheiro da terra, deitado no chão, imaginava o cheiro do cabelo de sua mulher ao sair do banho, depois de lavar a cabeça com água fria. O mesmo cheiro... uma mulher que acabou de se banhar com água fria e lhe cobre o rosto com o cabelo ainda molhado. A mesma palpitação... como se carregasse ternamente um pequeno pássaro entre as mãos.

A terra úmida — ele pensou — era o vestígio da chuva de ontem. Não, ontem não choveu.

Agora, o céu não poderia fazer chover nada além de calor escaldante e poeira! Você se esqueceu de onde está? Esqueceu?

Ele se virou, deitou de barriga para cima e envolveu a cabeça com as mãos. Ficou olhando para o céu. Era de um branco luminoso... e havia uma ave preta voando alto, sozinha e sem rumo. Ele não sabia por quê, mas de repente foi tomado por um sentimento amargo de ser um forasteiro... e por um momento esteve a ponto de chorar. Não, ontem não choveu. Estamos em agosto. Você esqueceu? Aquela estrada que fluía pelo deserto, como a eternidade sombria. Você esqueceu? A ave ainda circundava sozinha como uma mancha preta naquele fulgor alastrado acima dele. Estamos em agosto! Então por que essa umidade no solo? É o Chatt! Não está vendo... estendendo-se ao seu lado até onde a vista pode alcançar?

“Quando os dois grandes rios, Tigre e Eufrates, se encontram, formam um único rio chamado Chatt-Alarab, que se estende de um pouco acima de Basra até...”

Mestre Selim, o esguio e grisalho ancião, dissera isso dez vezes em voz alta para uma criança pequena que estava de pé ao lado da lousa. Abu Qais passava pela escola da aldeia naquele momento... então subiu numa pedra e

começou a escutar da janela. Mestre Selim estava diante do menino, balançando uma vara fina e gritando a plenos pulmões: “Quando os dois grandes rios, Tigre e Eufrates, se encontram...”.

O estudante tremia de medo, enquanto escutava a risada das outras crianças da classe. Abu Qais estendeu o braço e bateu na cabeça de uma delas. A criança virou-se para ele. Abu Qais perguntou:

— O que aconteceu?

A criança riu e respondeu num sussurro:

— Anta!

Abu Qais recuou, desceu da pedra e seguiu seu caminho, ainda perseguido pela voz de mestre Selim, que repetia: “Quando os dois grandes rios, Tigre e Eufrates, se encontram...”.

Naquela noite, ele viu Mestre Selim sentado na sala de recepção do prefeito, inalando a água borbulhante de seu narguilé. Mestre Selim fora enviado de Yafa à aldeia para ensinar os meninos, e passou grande parte da vida lecionando, até que a palavra “mestre” se tornou uma parte inseparável de seu nome. Naquela noite, na sala de recepção, alguém lhe perguntou:

— Você vai liderar as orações na sexta-feira, não vai?

— Não. Sou um professor, não um imã.

O prefeito indagou:

— Qual é a diferença? Nosso professor era um imã.

— Ele ensinava o Alcorão, eu ensino na escola.

O prefeito insistiu:

— Qual é a diferença?

Mestre Selim não respondeu; girou o olhar por trás dos óculos, cravando-o nos rostos como se pedisse ajuda de um dos presentes. No entanto, todos estavam confusos, assim como o prefeito.

Depois de um longo silêncio, Mestre Selim limpou a garganta e disse calmamente:

— Bem, não sei como realizar as orações.

— Não sabe?

Todos rosnaram, mas Mestre Selim reafirmou o que havia dito:

— Não sei!

Os homens sentados trocaram olhares de espanto; então cravaram os olhos no rosto do prefeito, que se sentiu pressionado a dizer algo. E, sem pensar, perguntou:

— E o que você *sabe*, afinal?

Mestre Selim parecia esperar por uma pergunta como essa e por isso respondeu rapidamente, enquanto se levantava:

— Muitas coisas. Sei atirar, por exemplo.

Ele alcançou a porta e se virou; seu rosto afilado tremia.

— Se forem atacados, podem me chamar; talvez eu seja útil para vocês.

Então, este é o Chatt, de que Mestre Selim falava dez anos atrás! Aqui estava ele, deitado a milhares de quilômetros e a dias de distância de sua aldeia e da escola de Mestre Selim. Que Deus o tenha, Mestre Selim, em Sua misericórdia, que Deus o tenha! Com certeza, Ele tinha por você uma grande estima, levando-o uma noite antes de a pobre aldeia cair nas mãos dos judeus. Uma noite apenas... Deus! Há alguma bênção divina maior que essa? É verdade que os homens estavam muito ocupados para enterrá-lo e honrá-lo em sua morte. Em todo caso, você ficou lá. Ficou lá. Poupou-se da humilhação e da miséria e protegeu sua velhice da vergonha. Que Deus o cubra com Sua misericórdia, Mestre Selim. Se tivesse sobrevivido, se tivesse sido afogado na pobreza como eu, será que teria feito o que faço agora? Será que estaria disposto a carregar todos os seus anos nos ombros e fugir para o Kuwait, atravessando o deserto atrás de um pedaço de pão?

Ele se virou, apoiou-se nos cotovelos e ficou olhando o grande rio novamente, como se nunca o tivesse visto antes. Então, este é o Chatt-Alarab: “Um vasto rio em que os navios navegam carregados de tâmaras e palha, como uma rua cheia de carros passando no centro da cidade”.

Foi isso que seu filho Qais respondeu, gritando, quando ele lhe perguntou naquela noite:

— O que é o Chatt-Alarab?

Ele pretendia testá-lo, mas Qais rapidamente respondeu bem alto, acrescentando:

— Eu vi você olhando pela janela da sala de aula hoje.

Abu Qais virou-se para sua esposa, que sorria. Ele se sentiu um pouco envergonhado e comentou num tom de voz pausado:

— Eu... já sabia.

— Não, você não sabia. Você aprendeu hoje enquanto espiava pela janela.

— Que seja! O que importa se eu sabia ou não? Não é o fim do mundo...

Sua esposa olhou para ele de soslaio e então disse:

— Qais, vá brincar no outro quarto.

Quando o menino bateu a porta atrás de si, ela se virou para o marido:

— Não fale assim na frente dele. O garoto ficou feliz porque sabia. Para que desencorajá-lo?

Abu Qais se levantou, foi até ela e pôs a mão em sua barriga, sussurrando:

— Quando?

— Daqui a sete meses.

— Ah!

— Queremos uma menina desta vez.

— Não! Queremos um menino. Um menino.

Mas ela deu à luz uma menina... a quem ele chamou de Hassna. Morreu dois meses depois.

O médico disse, de modo desagradável:

— Ela estava magra demais.

Isso aconteceu um mês depois que ele deixou sua aldeia... numa casa antiga em outro vilarejo longe da linha de fogo.

— Abu Qais! Sinto que vou dar à luz!

— Tudo bem, tudo bem, fique calma.

Ele disse para si mesmo: Queria que as mulheres dessem à luz depois de cem meses de gravidez! Isso é hora de entrar em trabalho de parto?

— Ó Deus!

— O quê?

— Eu vou dar à luz.

— Devo chamar alguém?

— Umm Omar.

— Onde posso encontrá-la agora?

— Me dê aquela almofada!

— Onde posso encontrar Umm Omar?

— Ó meu Deus! Me levante um pouco. Me apoie contra a parede.

— Não se mexa muito. Vou chamar Umm Omar.

— Rápido! Depressa! Ó Senhor dos mundos!

Ele correu para fora. Mas, quando fechou a porta atrás de si, ouviu o grito da criança recém-nascida e então se virou e encostou o ouvido na madeira da porta...

O rugido do Chatt, os marinheiros gritando uns com os outros, o céu resplandecente e a ave preta ainda circulando sem rumo.

Ele se levantou, bateu a terra de suas roupas e ficou olhando para o rio.

Mais que nunca, sentiu-se estrangeiro e insignificante. Passou a mão sobre o queixo áspero e varreu da cabeça todos os pensamentos que tinham se aglomerado ali, como um exército de formigas.

Atrás deste Chatt, exatamente do outro lado, estavam todas as coisas das quais Abu Qais havia sido privado. Ali estava o Kuwait. Algo que ele só vivera em sua mente como um sonho e uma fantasia estava lá... Decerto era real, de pedra, terra, água e céu, e não como perambulava em sua mente perturbada. Deve haver becos e ruas, homens e mulheres, e crianças correndo entre as árvores.

Não. Não. Não há árvores no Kuwait. Saad, seu amigo que migrara para lá, onde trabalhou como motorista e voltou com sacos de dinheiro, disse que não havia árvores. As árvores só existem em sua cabeça, Abu Qais, em sua velha cabeça, Abu Qais. Dez árvores com troncos retorcidos que faziam cair azeitonas e bonança a cada primavera. Não há árvores no Kuwait, disse Saad. Você deve acreditar em Saad porque ele sabe mais que você, embora seja mais jovem. Todos eles sabem mais que você... todos eles.

Nos últimos dez anos, você não fez nada além de esperar. Você precisou de dez longos anos de fome para se convencer de que tinha perdido suas oliveiras, sua casa, sua juventude e toda a sua aldeia. As pessoas fizeram seu próprio caminho durante esses longos anos, enquanto você se agachou como um cachorro velho em sua casinha miserável. O que você esperava? Que a riqueza furasse o telhado de sua casa? Sua casa? Não é sua casa. Um homem generoso lhe disse: “Pode ficar aqui!”. Isso é tudo. E um ano depois ele disse: “Dê-me metade do quarto”, então você pôs sacos remendados de estopa entre você e os novos vizinhos. Você ficou agachado até que Saad viesse e começasse a batê-lo como se faz com o leite para que se torne manteiga.

— Se você chegar ao Chatt, pode facilmente ir para o Kuwait. Basra está cheia de guias que se incumbiriam de contrabandeá-lo através do deserto. Por que você não vai?

Quando sua esposa ouviu o que Saad disse, olhou para um e depois para o outro... e voltou a balançar seu bebê.

— É arriscado... E quem sabe no que vai dar?

— No que vai dar? Ha ha ha! Abu Qais, diz: “Quem sabe no que vai dar?”. Ha ha ha!

Então Saad olhou para ela e acrescentou:

— Você escutou o que seu marido disse? Não há garantia nenhuma! Como se a vida fosse um gole de coalhada... Por que ele não faz como nós? Ele é melhor que a gente?

Ela não levantou os olhos para Abu Qais, que desejava que ela não o fizesse.

— Você gosta desta vida aqui? Dez anos se passaram e você vive como um mendigo. Tenha dó! Seu filho, Qais... quando ele vai voltar para a escola? Logo a bebê crescerá. Como vai ser capaz de olhar para eles se você não tem...?

— Tudo bem, chega!

— Não, não chega. É uma pena. Você é responsável por uma família grande agora. Por que você não vai? Qual é a *sua* opinião, Umm Qais?

A esposa ficou em silêncio, enquanto ele pensava: Logo a bebê crescerá... Então disse:

— O caminho é longo. E eu sou um homem velho, não consigo andar como vocês. Posso morrer.

Ninguém na sala falou. Sua esposa ainda balançava a filha. Saad desistiu de insistir, mas a voz áspera explodiu dentro da cabeça de Abu Qais: Morrer! Quem disse que isso não é preferível à sua vida no momento? Por dez anos você esperou voltar para as dez oliveiras que você tinha em sua aldeia... Sua aldeia! Eh!

Ele se virou para a esposa:

— O que você acha, Umm Qais?

Ela olhou para ele e sussurrou:

— O que você achar.

— Vamos poder mandar Qais para a escola.

— Sim.

— E talvez comprar uma ou duas mudas de oliveira.

— Certo.

— Talvez possamos construir um cômodo em algum lugar.

— Com certeza.

— Se eu chegar... se eu chegar.

Ele parou e olhou para ela. Ele sabia que a esposa ia chorar: o lábio inferior tremeria um pouco e, em seguida, uma lágrima cresceria lentamente até escorrer pela bochecha morena e murcha. Tentou dizer algo, mas não conseguiu. Um aperto na garganta o asfixiava.

O mesmo aperto que sentiu quando chegou a Basra e foi até a loja do homem gordo cujo trabalho era contrabandear pessoas de Basra para o Kuwait. Abu Qais ficou de pé diante dele, suportando nos ombros toda a humilhação e esperança que um velho pode aguentar. Fez-se um silêncio total até que o dono da loja repetisse:

— É uma viagem complicada... estou avisando. Vai lhe custar quinze dinares.

— Você garante que vou chegar a salvo?

— Claro que sim. Terá um pouco de dificuldade... você sabe, estamos em agosto, o calor é intenso e o deserto é um lugar sem sombra... mas chegará.

O nó ainda estava na garanta, mas Abu Qais sentiu que, se adiasse o que tinha a dizer, não conseguiria dizê-lo nunca mais:

— Viajei milhares de quilômetros para chegar até você. Foi Saad quem me mandou, lembra dele? Mas eu só tenho quinze dinares... Que tal você ficar com dez e me deixar o resto?

O homem o interrompeu:

— Não estou brincando. Seu amigo não lhe disse que era preço fechado? Nós arriscamos a vida do guia por vocês!

— E nós arriscamos nossa vida.

— Eu não estou obrigando ninguém a nada.

— Dez dinares?

— Quinze, está surdo?

Não conseguiu ir adiante. O homem gordo, encharcado de suor, lá de sua cadeira o fitava com os olhos bem abertos. Queria que ele parasse de olhá-lo assim. Então, ele a sentiu, morna, aglomerar-se no canto do olho. Quis dizer algo, mas não conseguiu. Sentiu que o interior de sua cabeça estava cheio de lágrimas. Deu meia-volta e saiu da loja. Na rua, tudo ficou embaçado atrás de um véu de lágrimas contidas... O rio se fundiu com o céu lá no horizonte. Ao redor, tudo era uma clareza radiante sem fim. Mais uma vez, deitou-

-se de bruços sobre a terra molhada que pulsava sob seu peito. O cheiro da terra fluía por suas narinas e se derramava nas veias, feito torrente.